DOI: 10.5418/RA2016.1218.0018

TERRITORIALIDADES DE FESTAS POPULARES: ESPAÇO-TEMPO COGNITIVO, CONECTIVO E CONFLITIVO

Popular festivals territorialities: cognitive, connective and conflictive space/ time

Territorialités des fêtes populaires: espace-temps cognitive, connective et conflictuel

José Antônio Souza de Deus

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Docente no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais; Rua Mangabeira, 268 / 401- Santo Antônio- 30.350.170 BELO HORIZONTE/ MG; E-Mail: jantoniosdeus@uol.com.br

Marcos Alberto Torres

Doutor em Geografia; Docente no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná; Rua Cel. Francisco H. dos Santos S/N - Centro Politécnico, Setor de Ciências da Terra, Departamento de Geografia. Bairro: Jardim das Américas, 81530-900 Curitiba – Paraná; E-Mail: marcostorres@ufpr.br

Maria Geralda de Almeida

Doutora em Geografia pela Université de Bordeaux III, França; Docente no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás; Rua Ruy Brasil Cavalcante, 189/902.- Setor Oeste. 74140-140 Goiânia/ GO; E-mail: mgdealmeida10@gmail.com

Maria Augusta Mundim Vargas

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP; Docente (Profa. voluntária) do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe; Rua Euclides Gois, 263- 49. 035. 310 Aracaju- SE; E-mail: guta98@hotmail.com.br

RESUMO

Este artigo discute o *Estado da Arte* da temática: Territorialidades de Festas Populares, contemplada em Grupo de Trabalho do XI ENANPEGE e em que foram problematizadas territorialidades festivas- urbanas e rurais-, a exemplo das festas juninas; do Congado; das Tropeadas, Vaquejadas e Cavalgadas; do "Bumba-Meu-Boi", do Carnaval, etc. Ficou patente, nas discussões dos trabalhos inscritos no GT, que as festas interdigitam-se com transformações socioespaciais, podendo se observar que há um inter-relacionamento destes fenômenos com dinâmicas de resistência, sincretismo e/ ou reterritorialização. Observou-se ainda que o exercício de territorialidades e a construção das representações presentes nas festas diversificam-se nacionalmente. Vale ressaltar, ademais, que houve um ativo engajamento, nas dinâmicas do GT (as quais viabilizaram uma maior compreensão dos contraditórios processos vinculados às festividades), dos pesquisadores juniores presentes no evento (pós-graduandos vinculados a instituições como: UFRJ, UFMG, UFPR, UFS, UFJF, UFGD, UEPG e PUCMinas).

Palavras-Chave: Território, Identidade e Cultura; Festas Populares; Geograficidade das Festas; Territorialidades Festivas.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

ABSTRACT

The *state of the art* of thematic focus: Territorialities of Popular Festivals in South America is at issue in this approach. The theme was emphasized in a workshop developed in the framework of XI ENANPEGE Brazilian geographers` meeting, in which urban and rural festivals (like "Festas Juninas" or June festivals in Brazil; "Congado" ritual; "Tropeadas", "Vaquejadas" and "Cavalgadas" horseback ridings; "Bumba-Meu-Boi" comic dramatic dance; Carnival, etc., were placed under discussion. It has become clear that the festivals are closely related with socio-spatial transformations and that there is an interrelationship between these phenomena and resistance, syncretism and reterritorialization dynamics. It was also noted that the territoriality and representations present in the parties diversify largely in Brazilian territory. It is worth noting, moreover, that there was a junior researchers` (postgraduate students`) active engagement in the workshop (which made possible a greater understanding of the contradictory processes linked to the festivities).

Keywords: Territory, Identity and Culture; Popular Festivals; Geographicity of Festivals; Territorialities of Festivals.

RÉSUMÉ

Cet article traite de *l'état de l'art* des Territorialités des Fêtes Populaires, pris en compte dans un Groupe de Travail développé au XI ENANPEGE, où a été discutées les territorialités des fêtes urbaines et rurales de l`Amerique du Sud-, comme les festivals de juin au Brésil; le rituel du Congado; les "Tropeadas", "Vaquejadas" et "Cavalgadas" (promenades à cheval); la représentation théâtrale dansée du "Bumba-Meu-Boi", le Carnaval, etc. Il était clair que les fêtes sont associées avec des transformations socio-spatiales et qu'il existe une corrélation entre ces phénomènes et la résistance, le syncrétisme et la reterritorialisation. Il a été noté que la territorialité et les représentations présentes dans les fêtes se diversifient à l'échelle nationale. Il y avait un engagement dans la dynamique du GT (qui a permis une compréhension des processus liés aux festivités), des jeunes chercheurs présents au sein de cette réunion scientifique, liés à plusieurs universités.

Mots-Clés: Territoire, Identité et Culture; Fêtes Populaires; Geographicité des Fêtes; Territorialités des Fêtes.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar o *Estado da Arte* da temática: Territorialidades de Festas Populares, contemplada em Grupo de Trabalho integrante das programações do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia/ XI ENANPEGE, (desenvolvido de 09 a 12 de Outubro de 2015 em Presidente Prudente/ SP). O Grupo de Trabalho esteve acoplado às atividades vinculadas aos ENANPEGEs

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

desde 2011, quando ele foi inaugurado no IX ENANPEGE (sediado em Goiânia/ GO, de 08 a 12 de Outubro de 2011), inicialmente com a denominação de Espaço & Cultura-Sustentabilidade Cultural, Paisagens Culturais e Espaços Festivos.

A atual denominação do GT foi adotada a partir do X ENANPEGE (realizado de 07 a 10 de Outubro de 2013, em Campinas/ SP). No XI ENANPEGE, O GT contou com 15 (quinze) trabalhos inscritos, dos quais 11 (onze) foram efetivamente apresentados no evento. Foram contemplados no GT, estudos de caso, análises comparativas e investigações que propiciaram a abordagem dos diferentes processos e fenômenos, incluindo-se aí, as tensões, contradições e conflitos existentes na festa. Este elenco de trabalhos associados à temática focalizada no GT apresentou um conjunto rico e diversificado de recortes temáticos e territoriais.

Os recortes territoriais em que incidiram as pesquisas apresentadas no Encontro abrangeram, aliás, festividades realizadas em diferentes regiões e estados brasileiros: Norte (Pará), Nordeste (Maranhão, Bahia, Sergipe), Sudeste (Minas Gerais: no Quadrilátero Ferrífero, Zona da Mata e Vale do Jequitinhonha), Sul (Paraná), Centro-Oeste (Mato Grosso e Goiás); e também, da Colômbia (Bogotá)- contemplando, inclusive, abordagens sobre comunidades tradicionais como os segmentos afrodescendentes e núcleos quilombolas de Minas Gerais e Goiás, sociedades indígenas (como os *Pataxós* da "Costa do Descobrimento"), sertanejos do Nordeste, etc. Tais investigações foram desenvolvidas por estudantes vinculados a programas de pós-graduação em Geografia de diferentes instituições de ensino superior do país como as universidades federais do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Sergipe, Juiz de Fora (MG), Grande Dourados (MS); Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR); e Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas).

Foram, por outro lado, problematizadas nas pesquisas explicitadas, diferentes tipos de territorialidades festivas- urbanas e rurais-, a exemplo das festas juninas[1]; do Congado[2]; das Tropeadas, Vaquejadas[3] e Cavalgadas; do Bumba-Meu-Boi, do Carnaval, etc. Estiveram em pauta nessas discussões, sobretudo, a *geograficidade* destas festas. Foram assim colocadas em diálogo e interlocução nos variados enfoques discutidos no âmbito do GT abordagens concernentes à Geografia Cultural, Etnogeografia, Geografia das Religiões, Percepção Ambiental e Geografia das Representações.

[1] O ciclo junino "é marcado pelos festejos a Santo Antônio, São João e São Pedro comemorados, respectivamente nos dias 13, 24 e 29 de junho" (VARGAS, 2014, p. 258)

[2] "Expressão religiosa e cultural de origem afro-brasileira, que ocorre junto as Festas do Rosário que são caracterizadas como festas populares" (ALMEIDA, 2015a).

[3] Atividade recreativa/ competitiva típica do Nordeste brasileiro. Surgiu no sertão nordestino entre os séculos XVII e XVIII. Trata-se, portanto de "uma prática lúdica rural" (MENEZES & ALMEIDA,2008, p. 182).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

FESTAS POPULARES NA ÓTICA DA GEOGRAFIA

As festas populares têm se constituído como um fecundo campo de investigação no âmbito dos programas de pós-graduação em Geografia do Brasil, observando-se que os paradigmas de interpretação geográficos vieram se somar, nesse processo, ao desenvolvimento de abordagens mais clássicas sobre o tema, mais estreitamente vinculadas à longa herança de estudos realizados a respeito dele nas perspectivas sociológica, antropológica e histórica.

Cumpre assinalar que festas da cidade e da roça, carnavais, folguedos, etc. levam os geógrafos a se questionarem sobre os lugares e os territórios, as cosmovisões da nossa sociedade, seus valores, ideologias e utopias/ e também desvelam as tensões que emergem entre ordem e desordem, tradição e ruptura, público e privado, austeridade e excessos, mercantilização e originalidade, identidades e diferenças, *insiders* e *outsiders*, processos globais e locais... Para D`Abadia e Almeida (2009, p. 60), "as festas oferecem como características básicas: a superação das distâncias entre os indivíduos; a produção de um estado de efervescência e a transgressão das normas coletivas". Observa-se, ademais, que a festa revela-se como o momento propício para a apropriação integral do espaço, pois, por meio do uso do lugar em que ela se desenvolve, os habitantes são capazes de subverter a condição unifuncional dos espaços públicos.

Mas, sendo as festas encaradas como momentos especiais (ou seja, um momento extraordinário de ruptura da ordem cotidiana, alternativo ao cotidiano normatizado pelas regras de conduta social, em que se abriria a possibilidade de se abalar, desestabilizar as estruturas sociais e de subverter o espaço) ou, como continuidades do cotidiano, se observa que elas ora atenuam, ora aguçam dilemas, conflitos e contradições, sendo possível concebê-las como um drama social e lê-las como textos em que se inscrevem histórias, romances e contos impregnados de relações de poder (ALMEIDA, VARGAS & MENDES, 2011).

Observa-se que as festas territorializam os espaços em que elas incidem ou ocorrem. E ressalte-se que apesar da atividade turística e das festas serem efêmeros, elas marcam significativamente seus territórios (ALMEIDA, 2011). É digno de registro, a propósito, que o pesquisador Daniel Magalhães chegou a delimitar um território das "bandas de taquara" (bandas de pífanos) no Vale do Jequitinhonha, englobando os municípios de Angelândia (comunidades de Santo Antônio dos Moreiras, Santiago e Sapé), Capelinha (comunidades de Chapadinha e Santo Antônio do Fanado) e Minas Novas (comunidades de Bem Posta e Santiago).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Carlos Maia, em suas investigações pioneiras sobre as festas no Brasil (numa perspectiva geográfica) postulou que o espaço das festas populares "possui uma composição bastante complexa. Nele subsistem relações econômicas, político-ideológicas, simbólicas e afetivas extremamente ricas, apesar do caráter efêmero do evento" (MAIA, 1999, p. 213-214). O autor também se remete aos rituais como dimensões da realidade que revelariam visões sociais de Mundo (MAIA, 2010).

Já para Patrício Sousa, que desenvolveu uma dissertação de Mestrado no Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais[4] e estudou grupos de Congado em Minas Gerais (inclusive o Congado de São Benedito, em Minas Novas), há elementos das festas populares e rituais que articulam muitas das dimensões da vida social, como aspectos econômicos, sociais, culturais e espaço-temporais; podendo constituir um "quadro importante para análise das relações identitárias de sujeitos com seus lugares" (SOUSA, 2009, p.48). Para Sousa (2010, p. 87), o lugar festivo se constituiria como uma instituição discursiva que, através das narrativas trazidas pelos rituais das festas populares, "define uma maneira de se conceber a história de vida de um lugar". A memória festiva seria, portanto, "fruto de uma disputa de sentidos que negocia e elege as narrativas válidas sobre a biografia de um espaço".

Vale ressaltar que no âmbito da Geografia Cultural, reconhece-se que, através dos festivais e rituais, os segmentos sociais expressam seus valores, e simultaneamente, se instrumentalizam para construir, organizar e se apropriar de territórios. Patrício Sousa assinala, aliás, que, como pesquisador das *performances festivas*, ele visualiza as práticas de interação entre Corpo e Espaço como experiências "extremamente significativas para decodificação das construções de identidades e de lugares" (SOUSA, 2009, p. 35). Na festa analisada em sua pesquisa, o autor percebeu que Corpo e Espaço são elementos fundamentais para se compreender a constituição dos sentimentos de pertença e alteridade que fazem com que "sujeitos e grupos organizem sua experiência social de mundo e se constituam como coletividade" (SOUSA, 2009, p. 48).

O pesquisador Luís Felipe Ferreira visualiza, por sua vez, as festas, como essência espaço-temporal do Lugar, referindo-se ao espaço da festa como um espaço necessariamente "eclético, polissêmico, aberto, articulador dos diferentes atores que dela participam" (FERREIRA, 2003, p. 12).

[4] Concluída em junho de 2011 e orientada pelo Prof. José Antônio Souza de Deus, no Programa em Pós-Graduação em Geografia. Tanto o autor da Dissertação, como o Orientador, estiveram presentes no GT.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

A CONTRIBUIÇÃO DO GT PARA O AVANÇO DAS DISCUSSÕES SOBRE AS TERRITORIALIDADES DE FESTAS POPULARES

Uma série de percepções, bastante sugestivas e pertinentes, emergiu das discussões travadas no âmbito do GT. Ficou patente, por exemplo, que as festas frequentemente imbricam-se e interdigitam-se com transformações socioespaciais, podendo-se se observar, por exemplo, que há um inter-relacionamento destes fenômenos com dinâmicas de resistência, sincretismo e/ ou reterritorialização. No caso das comunidades afrodescendentes que vêm, hoje, acionando a identidade étnica como um instrumento de reterritorialização, verifica-se que as territorialidades festivas constituem um elemento importante deste processo de reafirmação da identidade cultural como, aliás, se verifica hoje, em diferentes recortes territoriais do país como no norte de Goiás (entre os *Kalungas*- ALMEIDA, 2012, 2014) ou na Mesorregião do Jequitinhonha (entre as comunidades de agricultores familiares quilombolas do Vale- DEUS, 2012; DEUS & CASTRO, 2014).

O mesmo pode-se afirmar em relação a outras populações tradicionais como sociedades indígenas hoje envolvidas em processos de reinvenção da identidade cultural e étnica, como os *Pataxós* do leste brasileiro (povo indígena do Tronco *Macro-Jê*, da Área Cultural Leste/ Nordeste, cuja experiência histórico-cultural recente foi pesquisada por Rodrigo Grünewald, na ótica da Antropologia do Turismo). Isto vale tanto para as comunidades *Pataxós* domiciliadas em Minas Gerais (onde os *Pataxós* de Carmésia, no Vale do Rio Doce, têm, por exemplo, como referência básica- em termos socioculturais e etnoturísticos-, a "Festa das Águas" - DEUS, SILVA, 2015), como para aquelas sediadas no sul da Bahia (onde se situa a "aldeia-mãe" desse povo: Barra Velha - GRÜNEWALD, 2001, 2015).

Vale ressaltar ainda que tais experiências, que remetem ao exercício de protagonismo etnopolítico dessas coletividades (DEUS, 2008, 2012), envolvem processos coletivos e intersubjetivos de vivência e experiências de reciprocidade no cotidiano; a construção/ consolidação de elos topofílicos com o meio ambiente; a manutenção de saberes tradicionais ("saber fazer local"), como práticas alimentares, etnoambientais, etnobotânicas; produção artesanal, etc.

Tais comunidades, que vivenciaram uma prolongada história de exclusão (PORZECANSKI, SANTOS, 2006), surpreendentemente experimentam hoje, como registra o professor de Antropologia da UNICAMP, Arruti (1997, 2000), um processo de *etnogênese*, entendido como a construção fraternal de uma autoconsciência e de uma identidade coletivas de base racial e/ ou histórica contra a ação de um Estado Nacional opressor, com o objetivo de obter ganhos políticos, entre os quais pode se encontrar alguma expectativa de autodeterminação. Trata-se de comunidades que se colocam hoje como protagonistas

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

"na cena dos direitos insurgentes" (CHAGAS, 2001, p. 223) e cuja identidade encontra-se em processo de construção (FERREIRA, 2004).

E verifica-se que, nesse contexto, as festas contribuem significativamente para o estabelecimento de redes de proximidade, sociabilidade e solidariedade nas coletividades, aumentando a coesão comunitária como verificaram, por exemplo, os pesquisadores da UFMG, Rafael Diniz, Gisele Miné e Maria Aparecida S. Tubaldini que, recentemente, realizaram pesquisas de campo sistemáticas, estudando núcleos quilombolas domiciliados nos municípios de Minas Novas e Chapada do Norte (Vale do Jequitinhonha- MG), na ótica da Geografia Agrária (em diálogo com a Etnogeografia- DINIZ, MINÉ & TUBALDINI, 2014). Os pesquisadores investigaram festividades das comunidades locais como a Marujada e a "dança do Curiango". E ressalte-se que Queiroz (1998) discrimina dez núcleos de resistência cultural afro-negra em Minas Gerais, entre os quais inclui Chapada do Norte (onde são comunidades quilombolas: Moça Santa, Misericórdia, Santa Rita, Poções, Paiol, Ferreira, Porto dos Alves, Gamela, Gravatá, Cuba, Córrego do Rocha e Córrego Santa Rita).

É interessante notar, a propósito, que as festas, em especial aquelas de caráter religioso, são eventos que se caracterizam por sua grande capacidade de aglutinação das pessoas (ROSENDAHL, 2013). Na festa ocorre um adensamento das vivências que conectam as pessoas e comunidades envolvidas. E elas acabam assim sendo incorporadas ao imaginário coletivo das comunidades onde elas se desenvolvem. Silva (2007, p. 236) remetendo-se à dinâmica sociocultural observada nas comunidades do Jequitinhonha registra, a propósito das festas aí desenvolvidas, que:

> As tradições, que continuam a manter e às quais se apegam, contribuem para alimentar a fé, que gera a esperança e o fortalecimento das comunidades, que se mantém unidas em torno da organização e realização das celebrações religiosas e festas populares- Folias, Boi e Janeiro, Festivales, Festas do Rosário.

E é sugestivo notar que, de acordo com Paiva (2006, p. 244):

> (...) música, dança, religiosidade, comida, assim como práticas comerciais, conhecimento de técnicas artesanais e de receitas medicinais, além das representações culturais e das informações acumuladas sobre o comportamento humano, antes e agora, são campos fertilizadores de marcante atuação das camadas subalternas.

Ademais, pode se identificar traços pedagógicos na festa, que se materializariam na transmissão de saberes entre as gerações- como se observa, por exemplo, no Congado, como registraram, a propósito, Sousa & Barletto (2009)- e como se explicitou em comunicação apresentada (e discutida) no âmbito do GT.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Pode-se apresentar, por outro lado, diversos exemplos de fenômenos de sincretismo vinculados às festas. A festa do Bairro Egipto, em Bogotá (Colômbia), discutida em trabalho apresentado no GT, por exemplo, seria um produto do sincretismo entre as culturas indígena, camponesa e urbana deste país sul-americano. Poderia se localizar, também, elementos de sincretismo nas festividades do povo *Pataxó*, especialmente a Folia de Reis e a Festa de São Benedito, também discutidas em comunicação apresentada no GT e desenvolvidas nas aldeias indígenas situadas no município de Prado- BA. E o boi de mamão, também seria um folguedo resultante da união de elementos das culturas europeia, indígena e africana como apontam as pesquisadoras Beatriz Furlanetto e Salete Kozel, que trabalharam com abordagens vinculadas à Geografia da Percepção, no Departamento de Geografia da UFPR (FURLANETTO, KOZEL, 2012).

E é relevante assinalar, por outro lado que se "o conhecimento do Mundo sempre se faz através de representações (CLAVAL, 2011, p. 16), pode se constatar que diferentes representações são atribuídas às festas por *insiders* e *outsiders* como, justamente se verificou nas investigações desenvolvidas sobre as festas apresentadas no GT e realizadas no recorte territorial do estado de Sergipe (nos municípios de Estância e Porto da Folha).

As questões de Gênero também foram problematizadas no GT uma vez que se levantou a questão do papel exercido pelas mulheres na logística da festa; um papel que, por vezes, assume um caráter de centralidade, como vem ocorrendo no Jequitinhonha, com a migração sazonal da população masculina local para a colheita de cana, café, etc., noutros recortes territoriais do país. No Vale do Jequitinhonha, segundo Diniz & Tubaldini (2011, p. 135), expressivo número de camponeses:

> Migra sazonalmente para o corte de cana no interior de estados como São Paulo, Bahia e Mato Grosso, e para a colheita do café em cidades do interior de Minas Gerais. A migração sazonal é feita com mais intensidade pela população masculina, tendo como uma de suas principais razões a ausência de emprego remunerado no campo e nas zonas urbanas vizinhas, além dos longos períodos de estiagem que provocam expressivas perdas na produção agrícola.

Na literatura, as questões de Gênero incidentes neste recorte territorial- e seus realinhamentos-, foram também explicitadas por pesquisa recentemente desenvolvida por Gianasi, Costa & Tubaldini (2014) nas comunidades de agricultores familiares e artesãos de Moça Santa e Misericórdia, em Chapada do Norte; e Coqueiro Campo, em Minas Novas.

É forçoso reconhecer, por outro lado, que nas festas existe a possibilidade de reinvenção do novo, pois elas se transformam diante dos novos enredos sociais no qual elas vão se inserindo- processo a que se remetem, a propósito, diversos autores tais como: Almeida (2015b), Castro (2013); Maia & Sá (2008); Santos (2015); Santos & Kinn (2009; 2013). Estes últimos referem-se às festas rurais como uma tradição reinventada.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Já D`Abadia e Almeida (2009, p 73.) postulam que no "que diz respeito à festa religiosa, ela reforça e mantém a tradição, embora em alguns casos seja levada a uma (re) significação". Para as autoras, "essa reinvenção da festa caracteriza um importante elemento da pós-modernidade, porque incorpora um aspecto essencial da experiência religiosa – o retorno ao sagrado" (D`ABADIA & ALMEIDA, 2009, p.64).

Há, por outro lado, processos de ressignificação pelos quais tais eventos se transformam em objeto de consumo, transmutando-se em "espetáculos". O folclorista Osvaldo M. Trigueiro remarca, por exemplo, que na atualidade, as festas populares são cada vez mais "afetadas" pela espetacularização dos acontecimentos midiáticos (TRIGUEIRO, 2015). E Gomes (2011) assinala que as festas juninas, exemplo, perderam o caráter de festas interioranas e adquiriram a forma de festivais e a condição de "espetáculos urbanos", agregando, ao espaço festivo, novos espaços e funcionalidades visando à atração e à permanência do público. Já Alves & Nascimento (2015) fazem referência, por sua vez, ao abordarem a Vesperata - no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais -, a uma mercantilização da tradição musical diamantinense.

Nas festividades sertanejas do interior sergipano abordadas em pesquisas explicitadas no GT, se observou que, ao mesmo tempo em que há uma manutenção de determinados elementos identitários da festa ocorre, também e, contraditoriamente, a transfiguração da atividade pastoril em prática de lazer e diversão (na medida em que ela se transforma em atrativo turístico e, nesse caso, inclusive, se observa que as festas assumem maior amplitude e multiplicidade e a economia dos municípios onde elas se desenvolvem é impulsionada; mas tal transfiguração descaracteriza aspectos importantes da tradicionalidade). Costa (2008) se remete, a propósito, a transformações e persistências observadas nas práticas socioespaciais dos sujeitos envolvidos nas festas.

Na festa realizada no Bairro Egipto, em Bogotá, observa-se que a bebida tradicionalmente servida aí (a *chicha*[5]), vem sendo substituída por outras bebidas alcoólicas. Já na literatura científica sobre as festas e rituais verifica-se que autores como Torres & Kozel (2012) também registraram diferenciações ao longo do tempo, ao investigarem, por exemplo, a manifestação cultural tradicional do *fandango* (característica da Ilha dos Valadares, município de Paranaguá- PR).

É sugestivo notar ainda que o exercício de territorialidades e a construção das representações presentes nas festas diversificam-se nacionalmente. As Cavalhadas que foram trazidas de Portugal em momentos iniciais da ocupação do Brasil (ALMEIDA, 2015),

[5] Bebida fermentada a base de milho e outros cereais, produzida pelos povos indígenas da Cordilheira dos Andes e da América Latina em geral, desde a época do Império Incaico.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

por exemplo, se espalharam por vários quadrantes do território brasileiro. É também o caso das "festas de boi" que compreendem a festa do boi-bumbá, do boi-mamão, entre outras (TEIXEIRA & KOZEL, 2015). Beatriz Furlanetto que pesquisou o boi-de-mamão no litoral paranaense (nos municípios de Antonina, Guaratuba e Paranaguá) demarca que "o folguedo se chama bumba-meu-boi nos estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas e Piauí; boi-bumbá no Pará, Rondônia e Amazonas; boi-de-reis ou boi-surubim no Ceará e Espírito Santo; boi-de-mamão no Paraná e em Santa Catarina, entre outras denominações regionais" (FURLANETTO, 2014, p. 13).

Em 2015, no GT, foram apresentados trabalhos que pesquisaram tais festas no Maranhão e em Mato Grosso. É sugestivo mencionar que "o mito da morte e ressurreição, tema do folguedo, é uma forma simbólica de celebrar a vida" (FURLANETTO, 2014, p. 168). "A força mítica do Boi do Norte é a força da vida que se transforma em morte para novamente se transformar em vida, fonte de êxtase e alegria aos brincantes que lutam para realizar a festa" (FURLANETTO, 2014, p. 168). As diferenciações das festas nestes diferentes recortes relacionam-se, naturalmente, com processos de formação e expansão territorial.

Em termos metodológicos, verificou-se que um procedimento que tem se mostrado adequado e pertinente para a pesquisa das representações acopladas à realização de festas populares é a elaboração de *mapas mentais* utilizando, por exemplo, o método interpretativo formulado por Kozel, como se verifica na literatura científica disponível (MOTA & ALMEIDA, 2012; TORRES & KOZEL, 2012), e como também se observou em trabalhos apresentados no GT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Silva & D`Abadia (2014, p. 204) referem-se às festas como "espaços de múltiplas vivências e experiências humanas". Para Marques & Brandão (2015) elas são manifestações culturais que fazem parte da estrutura social comunitária, compondo, interagindo, influenciando e modificando o cotidiano. As festas são, portanto, instrumentos de sociabilidade (SARAIVA & SILVA, 2008), funcionando como fatores de coesionamento social que propiciam a recuperação da memória histórica, dos valores, das tradições e dos "modos de vida" das coletividades. Pois a celebração de uma festa é também um momento de partilha.

Para Furlanetto (UFPR) que defende "uma abordagem emocional da Geografia" as festas reafirmam os valores compartilhados socialmente, atuam na construção de identidades e na consolidação dos laços de pertencimento ao lugar (FURLANETTO,

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

2014, p. 12). Evocando imagens e símbolos para as representações ritualísticas, as festas "alimentam um imaginário que confere sentido tanto à existência individual como coletiva" (LÔBO & MAIA, 2011, p. 160). Para Oliveira (2007, p. 23), "geralmente o viver na festa demonstra a força de uma coletividade".

Mas como aponta Fernandes (2003, p. 30) "a permanência das manifestações populares requer capacidade adaptativa e de recriação". Destaque-se, ainda, que as festividades tendem a refuncionalizar as formas espaciais (MAIA, 1999), e que inúmeras interações emergem entre os diferenciados agentes e elementos que se inter-relacionam no momento da festa (que cria uma rede de intersubjetividades). Tais manifestações socioculturais e artísticas fortalecem relações espaciais regionalmente enraizadas na identidade cultural da população, mas elas vêm, atualmente, enfrentando crescentes dificuldades para sua preservação. O que não impede que continuem sendo resgatadas, recicladas e reelaboradas pelos atores locais no contexto de seus dinâmicos processos de ressignificação identitária.

Consideramos que a dinâmica de apresentações e discussões desenvolvida no GT "Territorialidades de festas populares: espaço-tempo cognitivo, conectivo e conflitivo" no âmbito do XI ENANPEGE propiciou uma interação coletiva com o universo concernente a tais dimensões da realidade, com o ativo engajamento, no processo, dos pesquisadores juniores presentes no evento, viabilizando, consequentemente, uma maior compreensão destes ricos, instigantes e contraditórios processos. O processo de discussão travado no GT mostrou, em paralelo, que as abordagens científicas sobre tais recortes temáticos têm evoluído e se diversificado significativamente, no âmbito dos programas de pós-graduação em Geografia das universidades brasileiras, em diferentes núcleos e centros de pesquisa situados em diversos estados/ regiões do país (Minas Gerais, Paraná, Goiás, Ceará, Sergipe...), como o demonstra, aliás, e de forma eloquente, a volumosa e criativa produção acadêmica que se acumulou sobre o tema nos últimos anos.

É interessante observar que entre os veículos de divulgação dessa produção (que discutem diversificados elementos ou atributos das festividades como suas dinâmicas espaciais, seus aspectos simbólicos, sua relação com os espaços sagrado e profano, suas interações com a atividade turística e com os processos de modernização- ou com a pós-modernidade, seus limites e possibilidades...), destacam se periódicos como o Ateliê Geográfico/ IESA-UFG (BONILLA, 2010; MAIA & SÁ, 2008; MARQUES & BRANDÃO, 2015; SANTOS, 2015; SILVA & D`ABADIA, 2014; VARGAS, 2014) e as revistas Espaço & Cultura/ UERJ (FERNANDES, 2003; FERREIRA, 2003; SANTOS & KINN, 2009; SARAIVA & SILVA, 2008), Mercator/ UFC (ALMEIDA, VARGAS & MENDES, 2011; OLIVEIRA, 2007; SOUSA & BARLETTO, 2009), RA`EGA/ UFPR (COSTA, 2008; MOTA & ALMEIDA, 2012; SOUSA,

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

2010) e Geonordeste/ UFS (ALVES & NASCIMENTO, 2015; D`ABADIA & ALMEIDA, 2009; CURADO, FERREIRA, OLIVEIRA, 2014; LÔBO & CURADO, 2015; TRIGUEIRO, 2015)- em que há, a propósito, artigos publicados, de diversos integrantes do GT.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Maria Geralda. As espacialidades do Patrimônio Festivo e Ressignificações Contemporâneas no Brasil, Colômbia e México. In: ROMANCINI, Sonia Regina, ROSSETTTO, Onélia Carmen, NORA, Giseli Dalla. **As Representações Culturais no Espaço**: Perspectivas Contemporâneas em Geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015a, p. 106-138.
2. _____ . **Atlas de festas populares de Goiás**. Goiânia: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás- IESA/ UFG, 2015b, 125 p.
3. _____ . Etnodesenvolvimento e Turismo nos Kalunga do nordeste de Goiás. In: LIMA, Ismar Borges. **Etnodesenvolvimento & Gestão Territorial:** comunidades indígenas e quilombolas. Curitiba: Editora CRV, 2014, p. 195-212.
4. _____. Festas rurais e turismo em territórios emergentes. **Biblio 3W- Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 15, n. 918, abr. 2011. <http://www.ub.es/geocrit/b3w-919.htm>. Acesso em 19.06.2016.
5. _____ . Troca de saberes no Cerrado, valorização dos quintais, segurança alimentar e cidadania nas comunidades Kalunga em Teresina de Goiás. Goiânia: Instituto de Ciências Socioambientais da Universidade Federal de Goiás- IESA-UFG/ FUNAPE, 2012, 32 p.
6. ALMEIDA, Maria Geralda, VARGAS, Maria Augusta Mundim, MENDES, Geisa Flores. Territórios, Paisagens e Representações: um diálogo em construção. **Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. 23-35, mai./ ago. 2011.
7. ALVES, Mariana da Conceição; NASCIMENTO, Alan Faber. A construção do imaginário do turista na Vesperata diamantinense (MG): descaracterização cultural, hibridismo ou produto turístico? **Geonordeste**, São Cristóvão/ SE, v. 26, n. 2, p. 05-15, ago./dez. 2015.
8. ARRUTI, José Maurício Andion. A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. **Mana**, v. 3, n. 2, p. 7-38, 1997.
9. _____ . Direitos étnicos no Brasil e na Colômbia: notas comparativas sobre hibridação, segmentação e mobilização política de índios e negros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 93-123, nov. 2000.
10. BONILLA, María Carmela Velázquez. Las fiestas a la Virgen de los Ángeles, la "Negrita," patrona de los costarricenses. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n. 3, p.1-17, ago. 2010.
11. CASTRO, Janio Roque Barros. A extensão profana da Festa de Nossa Senhora da Ajuda no contexto dos eventos festivos de Cachoeira – BA: reinvenção do Carnaval? In: HEIDRICH, Álvaro Luiz, COSTA, Benhur Pinós, PIRES, Cláudia Luisa Zeferino. **Maneiras de ler Geografia e Cultura**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura/ Editora Imprensa Livre, 2013, p. 233-242.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

12. CHAGAS, Míriam de Fátima. A política do reconhecimento dos "remanescentes das comunidades dos quilombos". **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 209-235, jul. 2001.

13. CLAVAL, Paul. Geografia Cultural: Um Balanço. **Geografia**, Londrina (PR), v. 20, n. 3, p. 05-24, set./ dez. 2011.

14. COSTA, Carmen Lúcia. As festas e o processo de modernização do território goiano. Revista **RA´EGA**, Curitiba, n. 16, p. 65-71, 2008.

15. CURADO, João Guilherme da Trindade; FERREIRA, Adolpho Randes Mesquita; OLIVEIRA, Alexandre Francisco. A fartura à mesa: Folia do Divino Espírito Santo em Pirenópolis/ GO. **Geonordeste**, São Cristóvão/ SE, v. 25, n. 2 (Edição Especial), p. 71-86, ago/ 2014.

16. D`ABADIA, Maria Idelma Vieira; ALMEIDA, Maria Geralda. Festas religiosas e Pós-Modernidade. **Geonordeste**, São Cristóvão/ SE, v. 20, n. 2, p. 57-80, 2009.

17. DEUS, José Antônio Souza. O etnoambientalismo e as novas territorialidades indígenas em curso no contexto regional da Amazônia Meridional e Oriental. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 59-82, 2º. sem. 2008.

18. _____ . Paisagens culturais alternativas e protagonismo etnopolítico de comunidades tradicionais no *hinterland* brasileiro. In: TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos, GIANASI, Lussandra Martins. **Agricultura familiar, cultura camponesa e novas territorialidades no Vale do Jequitinhonha**: gênero, biodiversidade, patrimônio rural, artesanato e agroecologia. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2012, p. 35-50.

19. DEUS, José Antônio Souza; CASTRO, Henrique Moreira. Protagonismo político, etnodesenvolvimento e processos de reterritorialização de comunidades quilombolas, em curso, no Vale do Jequitinhonha/ MG. In: LIMA, Ismar Borges. **Etnodesenvolvimento & Gestão Territorial**: comunidades indígenas e quilombolas. Curitiba: Editora CRV, 2014, p. 141-153.

20. DEUS, José Antônio Souza; SILVA, Ludimila Rodrigues de Miranda. Reinvenção da identidade cultural, protagonismo etnopolítico e interações com o turismo dos índios Pataxó(s) de Carmésia (estado de Minas Gerais, Brasil). **Agália**, Santiago de Compostela (Galiza), nº. especial (Turismo em Terras Indígenas), p. 203-223, out. 2015.

21. DINIZ, Raphael Fernando; MINÉ, Gisele de Oliveira; TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos. (Re)significação e (re)invenção cultural quilombola: as espacialidades afro-brasileiras do Conjunto da Marujada e do Grupo Curiango no Vale do Jequitinhonha/ MG. **GeoTextos**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 149-177, jul. 2014.

22. DINIZ, Raphael Fernando; TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos. O uso da biodiversidade local e da agroecologia na recuperação de áreas degradadas em territórios quilombolas nos municípios de Minas Novas e Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha/ MG. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 5, n. 2, p. 123-153, ago. 2011.

23. FERNANDES, Nelson da Nóbrega. Geografia Cultural, festa e cultura popular: limites do passado e possibilidades do presente. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 23-43, jan./ jun. 2003.

24. FERREIRA, Luiz Felipe. O lugar festivo – a festa como essência espaço-temporal do lugar. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 7-21, jan./ jun. 2003.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

25. FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente**: identidade em construção. São Paulo: EDUC/ Pallas Editora, 2004, 188 p.

26. FURLANETTO, Beatriz Helena. **Paisagem sonora do boi-de-mamão no litoral paranaense:** a face oculta do riso. 212 f. Tese (Doutorado em Geografia). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

27. FURLANETTO, Beatriz Helena; KOZEL, Salete. Paisagem sonora do Boi do Norte: música que cura todos os males. **Para Onde!?** Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 133-143, jul/ dez. 2012.

28. GIANASI, Lussandra Martins; COSTA, Pedro Carvalho; TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos. A contribuição da Geografia Agrária em Pesquisa-Ação e a produção de alimentos agro-ecológicos em comunidades rurais e quilombolas do Vale do Jequitinhonha. **Geonordeste**, São Cristóvão/ SE, v. 25, n. 2 (Edição Especial), p. 155-172, ago. 2014.

29. GOMES, Maryvone Moura. Um olhar sobre as festas juninas e seus novos cenários: o caso do São João de Maracanaú – Região Metropolitana de Fortaleza (RMF, Ceará). **Geotextos**, Salvador, v.7, n. 2, p. 99-120, dez. 2011.

30. GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Os Índios do Descobrimento**: Tradição e Turismo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001, 224 p.

31. _____. Turismo Pataxó: da renovação identitária à profissionalização das reservas. **Agália**, Santiago de Compostela (Galiza), nº. especial (Turismo em Terras Indígenas), p. 43-58, out. 2015.

32. LÔBO, Tereza Caroline; CURADO, João Guilherme da Trindade. As Folias do Divino em Pirenópolis, Goiás: Memória, Cultura e Patrimônio. **Geonordeste**, São Cristóvão/ SE, v. 26, n. 2, p. 75-86, ago./ dez. 2015.

33. LÔBO, Tereza Caroline; MAIA, Carlos Eduardo Santos. Diferentes formas de estar na festa. **Textos escolhidos de cultura e artes populares,** Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 149-160, mai. 2011.

34. MAGALHÃES, Daniel Lima. **Canudos, gaitas & pífanos:** as flautas do norte de Minas. Belo Horizonte: D. M. Magalhães, 2010, 196 p.

35. MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares - proposições sobre festas brasileiras. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 191-218.

36. _____ . Ritual e emoção nas interações espaciais – repensando o espaço sagrado nas festas populares de romarias e folguedos (notas introdutórias). In: ROSENDAHL, Zeny. **Trilhas do Sagrado**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 87-111.

37. MAIA, Doralice Sátyro; SÁ, Nirvana Lígia Albino Rafael. A festa na cidade no século XIX e início do século XX: lembranças e memórias da cidade da Parahyba – Brasil. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 18-39, ago. 2008.

38. MARQUES, Luana Moreira; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar**. Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 9, n. 3, p. 7-26, dez. 2015.

39. MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda. Vaquejada: a pega de boi na Caatinga resiste no sertão sergipano. **Vivência**, Natal, n. 34, p.181-193, 2008.

40. MOTA, Rosiane Dias; ALMEIDA, Maria Geralda. A representação dos aspectos simbólicos das festas de Santos Reis de Goiânia por meio de mapas mentais. Revista **RA´EGA**, Curitiba, n. 25, p. 92-110, 2012.

41. OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro. Festas populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. **Mercator**, Fortaleza, v. 6, n. 11, p. 23-32, 2007.

42. PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e universo cultural na Colônia**- Minas Gerais, 1716-1789. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, 285 p.

43. PORZECANSKI, Teresa; SANTOS, Beatriz. **Historias de exclusión** - afrodescendientes en el Uruguay. Montevidéu: Librería Linardi y Risso, 2006, 139 p.

44. QUEIRÓZ, Sônia. **Pé preto no barro branco** - a língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, 149 p.

45. ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Política & Religião. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural**: uma antologia (Volume II). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 147-161.

46. SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Festas do Aracaju: tramas da tradição religiosa em uma cidade moderna (1900-1950). **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 9, n.1, p. 183-207, abr. 2015.

47. SANTOS, Rosselvelt José; KINN, Marli Graniel. O lugar da festa camponesa no Cerrado (re) ocupado. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz, COSTA, Benhur Pinós, PIRES, Cláudia Luisa Zeferino. **Maneiras de ler Geografia e Cultura**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura/ Editora Imprensa Livre, 2013, p. 220-232.

48. _____ . Festas: tradições reinventadas nos espaços rurais dos Cerrados de Minas Gerais. **Espaço & Cultura**, Rio de Janeiro, v. n. 26, p. 58-71, jul./ dez. 2009.

49. SARAIVA, Adriano Lopes; SILVA, Josué da Costa. Espacialidade das festas religiosas em comunidades ribeirinhas de Porto Velho/ Rondônia. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 7-18, jul./ dez. 2008.

50. SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **A arte de viver**: riqueza e pobreza no Médio Jequitinhonha-Minas Gerais de 1970 a 1990. São Paulo: EDUC, 2007, 264 p.

51. SILVA, Mary Anne Vieira; D`ABADIA, Maria Idelma Vieira. A Geografia e o Sagrado: Festa de Nossa Senhora do Rosário em Goiás. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 3, p. 198-214, dez. 2014.

52. SOUSA, Patrício Pereira Alves. As Geo-grafias da Memória: o lugar festivo como biografia espacial. Revista **RA´E GA**, Curitiba, n. 20, p. 81-93, 2010.

53. _____. Ensaiando a corporeidade: corpo e espaço como fundamentos da identidade. **Geografares,** Vitória, n. 7, p. 35-50, 2009.

54. SOUSA, Patrício Pereira Alves; BARLETTO, Marisa. Identidades, Memória e Espacialidade na Festa do Rosário. **Mercator**, Fortaleza, v. 8, n.17, p. 123-137, dez. 2009.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

55. TEIXEIRA, Maísa França; KOZEL, Salete. Espaço e Representação: Delineando saberes sobre as Festividades do Boi no Brasil. In: ROMANCINI, Sonia Regina, ROSSETTTO, Onélia Carmen, NORA, Giseli Dalla. **As Representações Culturais no Espaço**: Perspectivas Contemporâneas em Geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015, p. 313-339.

56. TORRES, Marcos Alberto; KOZEL, Salete. A paisagem sonora da Ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço. In: BARTHE-DELOIZY, F., SERPA, A. **Visões do Brasil**: estudos culturais em Geografia. Salvador: EdUFBA/ Edições L'Harmattan, 2012, p. 167-190.

57. TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. As festas populares: da Idade Média à idade da mídia. **Geonordeste**, São Cristóvão/ SE, v. 24, n. 2, p. 66-74, 2015.

58. VARGAS, Maria Augusta Mundim. Festas - Patrimônio: os ciclos junino e natalino de Sergipe. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 252-273, ago. 2014.

Artigo recebido em 28 de junho de 2016.
Artigo aceito em 28 de julho de 2016.